

Lira ataca, mas Lula mantém Padilha 'só de teimosia'

Chamado de 'incompetente' e 'desafeto pessoal' pelo presidente da Câmara, ministro também reagiu e disse que 'não desceria a esse nível'. Para o PT, comentário compromete liturgia do cargo e a harmonia entre Poderes

CAIO SARTORI, GUILHERME CATTANEO E JENIFFER GUILARTE
jglobo@globo.com.br
Foto: J. M. de Almeida

Um dia depois de o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), classificar o ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, como "incompetente" e "desafeto pessoal", o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PT, e o próprio ministro reagiram ontem ao ataque. Embora o Palácio do Planalto negue, nos bastidores, as respostas acenam a uma crise com Lira, que reclama do trabalho de Padilha, responsável pela articulação política, desde os primeiros meses do governo.

— Ao enfrentar o auxílio pela atuação, Lira provocou Lira e disse que, "só de teimosia", vai deixar o petista mais tempo no ministério. Descartou, portanto, ceder à pressão do presidente da Câmara pela troca na pasta.

— Ele está no cargo que parece ser o melhor do mundo nos primeiros seis meses, mas é que nem casamento. É tudo maravilhoso nos primeiros seis meses, (quando) o casal ainda está se descobrindo. E aí chega um momento que começa a cobrar, e o Padilha está na fase da cobrança — afirmou Lula durante agenda em São Paulo. — Eu dizia que esse é o tipo de ministério em que a gente troca (o ministro) a cada seis meses. Mas, só de teimosia, o Padilha vai ficar muito tempo nesse ministério, porque não tem ninguém melhor para lidar com o Congresso Nacional que o Padilha.

"RANCOR E IGUAL TUMOR"

Na quinta-feira, Lira acusou o ministro de plantar informações de que ele teria atuado pela sultura do deputado Chiquinho Brazão (sem partido-RL), preso acusado de mandar matar a vereadora carioca Marielle Franco. Ontem, além de negar a acusação, Padilha disse que não desceria ao nível do presidente da Câmara.

— Sinceramente, não vou descer a esse nível. Sou filho de uma algoanona arreitada que sempre disse que, se um não quer, dois não brigam — afirmou Padilha antes de participar de evento no Rio. Ao classificar a relação



"Essa notícia foi vazada do governo e, basicamente, do ministro Padilha, que é um desafeto, além de pessoal, um incompetente"

— Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara



"Sinceramente, não vou descer a esse nível. Sou filho de uma algoanona arreitada que sempre disse que, se um não quer, dois não brigam"

— Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais

HISTÓRICO DE RUGAS

Padilha 'centralizador'

Em entrevista ao GLOBO, em abril do ano passado, Arthur Lira criticou Alexandre Padilha ao reclamar da distribuição de emendas aos deputados. O presidente da Câmara o definiu como "centralizador": "É um sujeito fino e educado, mas que tem dificuldades. Não tem se refletido em uma relação de satisfação boa".

Diálogo cortado

Em outubro, Lira decidiu romper com Padilha. O estopim, segundo aliados do deputado, foi a edição de uma portaria do governo que prevê que a liberação de recursos apadrinhados por parlamentares na área da Saúde deve ser aprovada por um colegiado formado por gestores estaduais e municipais do SUS em cada estado.

Recado ao Planalto

Em discurso no início do ano legislativo, em fevereiro, diante de uma plateia de parlamentares e ministros, Lira cobrou o cumprimento de acordos firmados, disse que "muito quem apostou na inércia da Casa por causa das eleições municipais e elevou a tensão na queda de braço pelo controle do Orçamento ao dizer que a peça orçamentária "pertence a todos e não apenas ao Executivo".

Lira em campo

Lula chamou Lira em uma reunião para apagar as tensões entre Congresso e Planalto. Segundo aliados de Lira, o deputado disse que o jogo de "estaca verde" e "estaca vermelha" que o governo se daria com o ministro da Casa Civil, Rui Costa, e via um canal mais direto com Lula. Padilha minimizou o rompimento. "O governo nunca rompeu qualquer diálogo e nunca rompeu", afirmou.



Mudanças. Ministra da Saúde, Nísia Trindade assinou portaria que é fonte de tensão entre deputados e "apadrinhados"



Alternativa. Interseção de Lira tem sido com o ministro da Casa Civil, Rui Costa

com o Legislativo no ano passado como "de sucesso", o ministro citou a letra de uma música do rapper Emicida para dizer que não vai alimentar rancor.

— A periferia de São Paulo produziu uma grande figu-

ra, o Emicida, que diz: "Mãe, o rancor é igual tumor: envenena a raiz, quando a plateia só deseja a ser feliz".

O PT também soltou uma nota em reação a Lira. Para o partido, ao atacar o ministro dessa maneira, o parlamen-

tar "compromete a liturgia do cargo" de presidente da Câmara e "ofende a harmonia" entre os Poderes. "O Brasil precisa de relações republicanas saudáveis para superar o atual estágio de beligerância provocado por

atitudes que desafiam a convivência política e social", afirma o texto. No Planalto, as críticas públicas de Lira foram recebidas como uma demonstração de insatisfação do deputado pelo resultado do plenário na quar-

ta-feira, quando os parlamentares mantiveram Chiquinho Brazão na prisão. No dia da votação, articuladores de Lula afirmavam que o tema não era encarado como "pauta do governo", embora houvesse a orientação de posicionamento para a base. Também comentavam que o resultado não representaria "derrota" ou "vitória" do Planalto.

Após a sessão, no entanto, Padilha apareceu em um vídeo ao lado da ministra de Igualdade Racial, Anielle Franco comemorando o resultado. Ela é irmã de Marielle.

ROMPIMENTO

Outra avaliação de governistas é que a fala de Lira na quinta-feira não mudará a relação dele com Padilha e nem adiará uma eventual reconciliação, que sequer estava no horizonte. Ambos não conversam desde o final de 2023. O presidente da Câmara tem tratado de assuntos do governo com o ministro da Casa Civil, Rui Costa.

— Essa notícia foi vazada do governo e, basicamente, do ministro Padilha, que é um desafeto, além de pessoal, um incompetente. Não existe partidização. Eu deixei bem claro que ontem a votação foi de cunho individual, cada deputado responsável pelo voto que deu. Não tem nada a ver — disse Lira na quinta.

A briga entre os dois não é de hoje. Em abril do ano passado, em entrevista ao GLOBO, Lira criticou Padilha ao reclamar da distribuição de emendas aos deputados. Em outubro, veio o rompimento. O estopim, segundo aliados do deputado, foi a edição de uma portaria do governo prevendo que a liberação de recursos apadrinhados por parlamentares na Saúde deve ser aprovada por um colegiado formado por gestores do SUS em cada estado.

Em discurso no início do ano legislativo, em fevereiro, Lira cobrou o cumprimento de acordos firmados, disse que "errara" quem apostou na inércia da Casa por causa das eleições municipais e elevou a tensão na queda de braço pelo controle do Orçamento ao dizer que a peça orçamentária "pertence a todos e não apenas ao Executivo".

Presidente elogia irmãos Batista, da JBS, e volta a criticar Lava-Jato

Em 2017, Joesley acusou petista de 'institucionalizar' a corrupção no Brasil

JULIA NOVA
jnova@globo.com.br

O presidente Lula elogiou os irmãos Joesley e Wesley Batista em visita ontem à fábrica da JBS, que os tem como conselheiros, no Mato Grosso do Sul. O chefe de Executivo afirmou que a dupla é responsável por transformar o grupo "na maior empresa produtora de proteína animal do mundo". Em 2017, os irmãos tornaram-se alvo da Operação Lava-Jato — que voltou a ser criticada por Lula no mesmo evento — sob a suspeita de participação em esquema de propina envolvendo gestões petistas.

— Quero cumprimentar primeiro o seu Zé (José Batista Sobrinho, fundador da JBS), que conheci ainda no primeiro mandato, e não era tão grande como está hoje. Foi sempre muito orgulhoso quando alguém consegue vencer na vida, em qualquer que seja a sua atividade — destacou Lula. — Eu vou cumprimentar o Joesley e Wesley, que são os herdeiros dele e os responsáveis por que essa empresa se transformasse na maior empresa produtora de proteína animal do mundo.

Em seguida, Lula repetiu ataques anteriores à Lava-Jato. De volta à Presidência

após vencer as eleições, o petista passou mais de 500 dias preso em decorrência da operação, entre 2018 e 2019. — Nós amigos chineses vieram fazer vitória nesse frigorífico (da JBS) em 2018. Eu estava preso na Polícia Federal por conta da maior mentira já contada nesse país, que a história se encaregaria de provar — afirmou. O evento ocorre duas semanas após os irmãos Batista retomarem espaço no Conselho de Administração da JBS. Ambos foram citados em investigações da Lava-Jato por suposto recebimento de propina de lideranças petistas,



Agenda conjunta. Lula e Joesley Batista (à direita) na fábrica da JBS no MS

emedeistas e tucanos ao longo de cerca de dez anos. A empresa registrou crescimento recorde nas gestões petistas, entre 2003 e 2016, período em que o PT tinha operacionalizado um esquema de pagamento de propina em troca de facilidades à empresa, conforme relato o próprio Joesley Batista em entrevista à revista Época em 2017.

— Foi no governo do PT para frente. O Lula e o PT institucionalizaram a corrupção — disse na ocasião. Em março do ano passado, já como o PT de volta ao poder, Joesley Batista participou de comitiva do governo Lula em viagem à China, integrando um grupo com 88 empresários e nomes de entidades do agronegócio. Ele foi acompanhado

de seu irmão, Wesley, como representantes do Grupo J&F — holding que controla a JBS.

"JOESLEY DAY"

Um dos casos mais emblemáticos envolvendo Joesley implicou o ex-presidente Michel Temer (MDB), gravado pelo empresário, em 2017, numa conversa na qual daria aval ao pagamento de uma mesada ao ex-deputado Eduardo Cunha e ao doleiro Lucio Furaro para que não fechassem delação premiada, em episódio que ficou conhecido como "Joesley Day". Denunciado, Temer foi absolvido na Justiça. Joesley Batista foi preso no mesmo ano, após o então procurador-geral da República, Rodrigo Janot, entender que os executivos da J&F teriam obtido informações sobre supostos crimes ao negociarem, eles próprios, uma delação premiada. Ele acabou solto em 2018, por ordem do Superior Tribunal de Justiça (STJ).